



As Mentiras
de **LOCKE**
LAMORA

SCOTT LYNCH

SCOTT LYNCH

As mentiras de
Locke Lamora

Uma aventura dos Nobres Vigaristas



*Para Jenny, este mundinho abençoado
Pelas suas espiadelas por cima do meu ombro
enquanto ele ia tomando forma...
Com amor, sempre.*

PRÓLOGO

O menino que roubava demais

1

NO AUGE DO LONGO E úmido verão do Septuagésimo Sétimo Ano de Sendovani, o Aliciador de Camorr fez uma visita inesperada ao Sacerdote Cego no Templo de Perelandro, numa ávida tentativa de lhe vender o jovem Lamora.

– Tenho um negócio a lhe propor! – começou o Aliciador, talvez não da forma mais adequada.

– Outro negócio feito Calo e Galdo, talvez? – retrucou o Sacerdote Cego. – Estou tendo o maior trabalho para fazer aqueles idiotas que vivem rindo à toa desaprender todos os maus hábitos que pegaram de você e substituí-los pelos maus hábitos que eu necessito.

– Ah, Correntes, pare com isso. Quando fizemos o acordo, eu avisei que eles eram uns macaquinhos que viviam atirando cocô e, na época, você ficou bastante satis...

– Ou quem sabe outro negócio feito Sabeta? – O tom mais enérgico e grave do sacerdote levou o Aliciador a engolir na hora a objeção. – Com certeza você recorda ter me cobrado por ela os olhos da cara. Eu deveria ter lhe pagado em cobre para vê-lo romper um ligamento tentando carregar todo o peso.

– Aaahhh, mas Sabeta era especial e este menino aqui também é. Ele é tudo que você me pediu para procurar depois de lhe vender Calo e Galdo. Tudo que tanto apreciou em Sabeta! Ele é aqui de Camorr, mas é um vira-lata. Tem sangue terim e vadrã também. A ladroagem corre nas veias dele do mesmo jeito que o mar está cheio de mijo de peixe. E ele pode ser seu a um preço camarada.

O Sacerdote Cego passou um bom tempo refletindo sobre essas palavras.

– Com todo o respeito, a experiência me diz que a melhor reação para qualquer generosidade da sua parte seria pegar uma arma e não ficar de costas para você.

O Aliciador tentou transmitir honestidade, mas não foi muito convincente. Deu de ombros com uma casualidade fingida.

– O menino tem alguns, ahn, problemas, admito. Mas estão ligados unicamente às condições atuais. Se estivesse sob os seus cuidados, tenho certeza de que eles iriam, ahn... desaparecer.

– Ah, quer dizer que o seu menino é *mágico*. Por que não me disse antes? – O sacerdote coçou a testa por baixo da venda de seda branca que lhe cobria os olhos.

– *Estupendo*. Vou plantá-lo na porra do chão e fazer crescer uma trepadeira até uma terra encantada acima das nuvens.

– Ahhh! Ha, ha, ha, Correntes, não é a primeira vez que ouço esse tipo de sarcasmo da sua boca. – O Aliciador fez uma mesura com certa dificuldade. – Por que não diz logo que está interessado?

O Sacerdote Cego cuspiu.

– Suponhamos que fosse bom Calo, Galdo e Sabeta terem um novo companheiro de brincadeiras ou, pelo menos, um saco de pancadas. *Suponhamos* que eu esteja disposto a gastar mais ou menos 3 cobres e uma jarra de mijo por um menino misterioso que eu não solicitei. Qual é o problema com ele?

– Se eu não conseguir vendê-lo para você, serei obrigado a cortar a garganta dele e jogá-lo na baía – respondeu o Aliciador. – E terei que fazer isso *hoje à noite*.

2

NA NOITE EM QUE O menino Lamora foi morar sob os cuidados do Aliciador, o velho cemitério no Morro das Sombras estava cheio de crianças em postura de silenciosa atenção esperando seus novos irmãos e irmãs serem conduzidos para dentro dos mausoléus.

Todos os pupilos do Aliciador seguravam velas; a luz fria e azul brilhava por trás das cortinas prateadas da bruma do rio lembrando postes de rua reluzindo através de uma janela suja de fuligem. Essa fila de luz fantasmagórica foi descendo a encosta do morro, passou pelas lápides de pedra e pelos caminhos cerimoniais até chegar à larga ponte de vidro que cruzava o canal de Fumaça de Carvão, quase oculta pela névoa que subia dos ossos molhados de Camorr nas noites de verão.

– Venham, meus amores, minhas joias novas em folha, não percam o ritmo – sussurrava o Aliciador enquanto empurrava de leve os últimos dos cerca de trinta órfãos do Pegafofo pela ponte sobre o canal. – Estas luzes são só seus amigos que vieram guiar seu caminho até o alto do meu morro. Agora andem, meus tesouros. Estamos desperdiçando a escuridão e temos muito sobre o que conversar.

Em raros momentos de enfatuada reflexão, o Aliciador se considerava um artista. Um escultor, para ser mais exato: o barro era os órfãos; o ateliê, o velho cemitério do Morro das Sombras.

Oitenta e oito mil pessoas produziam um volume constante de lixo, o que incluía um fluxo contínuo de crianças perdidas, inúteis e abandonadas. Os mercadores de escravos pegavam algumas delas e as transportavam para Tal Verarr ou Jerem. Teoricamente, a escravidão era proibida em Camorr, mas acabava sendo ignorada caso não houvesse sobrado ninguém para se responsabilizar pela vítima.

Assim, os mercadores ficavam com algumas crianças e a simples estupidez levava outras tantas. A fome e as moléstias por ela acarretadas também eram destinos corriqueiros daqueles desprovidos de coragem ou habilidade para ganhar a vida na cidade à sua volta. Já as que tinham coragem, mas não habilidade, muitas vezes eram enforcadas na Ponte Negra, em frente ao Palácio da Paciência. Os juízes do Duque davam cabo dos pequenos ladrões com a mesma corda usada para os grandes, embora tomassem o cuidado de jogar os menores da ponte com pesos amarrados aos tornozelos para ajudá-los a se enforcar direito.

Os órfãos que sobravam depois de se arriscar em todas essas variadas possibilidades eram arrebanhados pelo grupo do Aliciador, atraídos um de cada vez ou em pequenos bandos por sua voz reconfortante e pela chance de uma refeição quente. Não demoravam a descobrir que tipo de vida os aguardava sob o cemitério que era o coração do seu reino, onde quase 150 crianças abandonadas prestavam obediência a um único velho corcunda.

– Rapidinho, meus lindos, meus novos filhos. Sigam as luzes e subam até o topo. Já estamos quase em casa, quase na hora de comer. Longe da chuva, da névoa e do calor sufocante.

Epidemias de peste eram oportunidades ímpares para o Aliciador, e os órfãos do Pegafofo haviam conseguido escapar do seu tipo favorito: o Sussurro Negro. A moléstia se abatera sobre o bairro do Pegafofo, vinda não se sabia de onde, e a quarentena entrara em vigor – morte por flechada para quem tentasse atravessar um canal ou fugir de barco – a tempo de salvar o resto da cidade de qualquer outro incômodo que não a preocupação e a paranoia. Aquela praga significava uma morte horrível para qualquer um com mais de 11 anos, até onde os galenos podiam compreender, pois ela nem sempre grassava segundo regras muito estritas. Os mais novos apenas ficavam alguns dias com olhos inchados e bochechas vermelhas.

No quinto dia da quarentena, os gritos e tentativas de cruzar o canal cessaram, poupando o Pegafofo do destino que lhe valera o apelido e tantas vezes já o acometera no passado em anos de pestilência. No décimo primeiro dia, a quarentena foi suspensa e os capangas do Duque entraram no bairro para avaliar os estragos: talvez cinquenta das quatrocentas crianças que antes moravam ali sobreviveram. Já reunidas em bandos para se proteger, também haviam aprendido a lidar com algumas das cruéis exigências da vida sem adultos.

O Aliciador estava à sua espera quando elas foram reunidas e conduzidas para longe do sinistro silêncio de seu antigo bairro.

Pagou um bom preço em prata pelas trinta melhores e pelo silêncio dos capangas e guardas que lhe entregaram as crianças. Então as conduziu, tontas, com o rosto encoado e um cheiro insuportável, para dentro da escuridão e da névoa da noite camorri, em direção ao velho cemitério do Morro das Sombras.

O jovem Lamora era o mais novo e o menor de todos: tinha 5 ou 6 anos e não pas-

sava de um monte de ossos pontudos sob uma pele coberta de sujeira e concavidades. O Aliciador não o escolhera; o menino simplesmente seguira os outros como se fizesse parte do grupo. O homem percebeu, é claro, mas tivera o tipo de vida no qual até mesmo um único órfão livre da peste era uma sorte a não ser ignorada.

Era o verão do Septuagésimo Sétimo Ano de Gandolo, Pai das Oportunidades, Senhor das Moedas e do Comércio. O Aliciador percorreu a noite enevoada conduzindo seu rebanho de crianças maltrapilhas.

Dali a apenas dois anos, estaria praticamente implorando ao Sacerdote Cego que o livrasse do jovem Lamora e afiando suas facas para caso o sacerdote o recusasse.

3

O SACERDOTE CEGO COFIOU OS pelos grisalhos que lhe cobriam o pescoço.

– Está falando sério?

– Seríssimo. – O Aliciador meteu a mão na frente de um gibão para lá de puído e sacou uma bolsinha de couro fechada por um fino cordão do mesmo material, tingida com o mesmo tom vermelho-ferrugem de sangue seco. – Já falei com o chefe e pedi permissão. Vou cortar a garganta do menino de orelha a orelha e despachá-lo para aulas de odontologia.

– Pelo amor dos deuses. Então é história triste, no final das contas. – Os dedos com os quais ele cutucou o peito do Aliciador foram bem rápidos e certos para um Sacerdote Cego. – Pode ir procurar outro imbecil para aprisionar com os grilhões da sua consciência.

– Correntes, eu não estou nem aí para a consciência. Estou falando de avareza, tanto a sua quanto a minha. Não posso ficar com o menino e estou lhe oferecendo uma oportunidade única, uma verdadeira pechincha.

– Se o menino é indisciplinado demais, não pode fazê-lo se comportar melhor com uns sopapos e deixá-lo chegar a uma idade suficiente para ser vendido?

– Fora de cogitação, Correntes. Minhas alternativas são limitadas. Não vou dar uns tapas nesse garoto porque não posso deixar nenhum dos outros merdinhas saber o que ele, ahn... o que ele fez. Se algum deles tiver a mais leve inclinação para agir como ele agiu... Que os deuses me protejam! Eu nunca mais conseguiria controlá-los. Das duas, uma: ou eu o mato depressa ou o vendo mais depressa ainda. Lucro zero versus uma soma irrisória. Adivinhe o que eu preferiria?

– O menino fez alguma coisa que você não pode nem mencionar na frente dos outros? – Correntes massageou a testa e deu um suspiro. – Cacete! Deve ser algo interessante.

SEGUNDO UM ANTIGO DITADO CAMORRI, a única constância da alma humana é sua inconstância; toda e qualquer coisa pode sair de moda, mesmo algo tão utilitário quanto um morro recheado de cadáveres.

O Morro das Sombras foi o primeiro cemitério de qualidade da história de Camorr, idealmente situado de modo a manter os ossos dos finados ricos acima do alcance das águas salgadas do Mar de Ferro. Com o tempo, entretanto, o equilíbrio de poder se modificou nas famílias dos escultores de tumbas, embalsamadores de cadáveres e carregadores de caixão profissionais. Um número cada vez menor dos profissionais de ponta se interessava pelo Morro das Sombras, pois o Morro dos Susurros ali perto tinha espaço para monumentos maiores e mais exuberantes, com suas comissões proporcionalmente mais polpudas. Guerras, pestes e intrigas fizeram com que o número de famílias vivas com jazigos a conservar no Morro das Sombras fosse caindo a um ritmo regular ao longo das décadas. Por fim, os únicos visitantes que sobraram foram os sacerdotes e sacerdotisas de Aza Guilla, que dormem em túmulos durante sua fase de aprendiz, e os órfãos sem-teto que buscavam proteção em meio à poeira e à escuridão das malconservadas criptas.

O Aliciador – que ainda não era conhecido dessa forma – tivera que dividir uma dessas criptas na pior época de sua vida, quando não passava de uma miserável excentricidade: um batedor de carteiras com nove dedos quebrados.

No início, sua relação com os órfãos do Morro das Sombras era um misto de intimidação e súplica; a necessidade residual de uma figura de autoridade os impedia de matá-lo enquanto dormia. Ele, por sua vez, começou, a contragosto, a lhes explicar alguns dos truques de seu ofício.

À medida que seus dedos melhoravam, mantendo ainda a aparência de gravetos retorcidos, o Aliciador começou a transmitir cada vez mais o seu perverso conhecimento às crianças sujas que se esquivavam com ele da chuva e dos guardas da cidade. Seu contingente cresceu, logo também a renda, e eles começaram a abrir mais espaço nas frias câmaras de pedra do velho cemitério.

Com o tempo, o punguista de ossos frágeis se transformou no Aliciador e o Morro das Sombras, no seu reino.

O jovem Lamora e os outros órfãos do Pegafogo adentraram esse reino cerca de vinte anos depois de sua fundação; o que viram nessa noite foi um cemitério tão raso quanto a terra amontoada por cima dos velhos túmulos. Uma imensa rede de túneis e galerias fora escavada entre as principais criptas, com paredes de terra socada sustentadas por escoras que pareciam as costelas de dragões de madeira havia muito já mortos. Os ocupantes anteriores tinham sido todos discretamente exumados e jogados na baía. O Morro das Sombras era agora um formigueiro de ladrões órfãos.

Os órfãos do Pegafogo desceram pela boca negra do mais alto mausoléu e passaram por um túnel iluminado pelo fogo bruxuleante e prateado de frios globos alquímicos, com filamentos de bruma a se enroscar em seus tornozelos. Os órfãos do Morro das Sombras os observavam de cada nicho e toca com um olhar impassível, porém curioso. O ar viscoso do túnel estava saturado com um cheiro de terra escura e corpos mal-lavados, que os órfãos do Pegafogo logo intensificaram apenas por se encontrarem ali.

– Entrem! Entrem! – exclamava o Aliciador, esfregando as mãos. – Minha casa é sua, sejam bem-vindos! Nós aqui temos todos uma coisa em comum: ausência de mães e pais. É uma pena, mas vocês agora vão ter tantos irmãos quanto precisarem, e terra seca acima de suas cabeças! Um lar... uma família.

Uma fila de órfãos do Morro das Sombras desceu o túnel em seu encaço, soprando as velas azuis espectrais conforme avançavam até que apenas a luz prateada emitida pelas esferas nas paredes continuava a iluminar o caminho.

No centro do reino do Aliciador, havia um recinto quente e espaçoso, com chão de terra batida, um pé-direito equivalente a mais ou menos duas vezes a altura de um homem alto e trinta metros de largura e comprimento. Uma solitária cadeira de espaldar comprido feita de madeira-bruxa negra encerada ficava apoiada na parede dos fundos, onde se sentou o Aliciador com um suspiro satisfeito.

Dezenas de cobertores surrados dispostos pelo chão estavam repletos de comida: tigelas de frangos ossudos marinados em vinho de amêndoas vagabundo; macios rabos de cação envoltos em toucinho e embebidos em vinagre; pão preto aromatizado com gordura de linguiça. Havia também ervilhas e lentilhas temperadas com sal, além de tigelas de tomates e peras um pouco passados. Comida pobre, mas em quantidade e variedade que a maioria dos órfãos do Pegafogo jamais tinha visto. Eles avançaram de imediato, de maneira descoordenada, e o Aliciador sorriu, compreensivo.

– Não sou burro a ponto de me intrometer entre vocês e uma refeição decente, meus queridos. Então comam até se saciar. Comam mais, até. Compensem o tempo perdido. Conversaremos depois.

Enquanto os órfãos do Pegafogo se empanturravam, os do Morro das Sombras os rodearam e puseram-se a observar em silêncio. O espaço logo ficou lotado e o ar, ainda mais rançoso. O banquete prosseguiu até não restar praticamente nada; os sobreviventes do Sussurro Negro lamberam dos dedos os últimos vestígios de vinagre e gordura, depois olharam desconfiados para o Aliciador e seus discípulos. Como quem aproveita uma deixa, o Aliciador ergueu três dedos tortos.

– Aos negócios! Três coisas importantes. Em primeiro lugar, vocês estão aqui porque eu *paguei* por vocês. Paguei mais ainda para ter acesso a vocês antes de *qualquer outra pessoa*. Posso garantir que todos os seus amiguinhos que eu não comprei acabaram nas mãos de mercadores de escravos. Órfãos não servem para mais nada. Não há lugar para abrigar vocês nem ninguém para acolhê-los. A guarda, meus queridos,

vende crianças como vocês para comprar vinho. Os sargentos se esquecem de mencioná-los nos relatórios e os capitães dos turnos com certeza estão pouco se lixando. Além disso, agora que a quarentena do Pegafogo acabou, todos os mercadores de escravos e aspirantes de Camorr vão ficar muito animados e alertas. Vocês estão livres para se levantar e ir embora deste morro a qualquer momento que quiserem... com a minha garantia de que em breve estarão chupando paus ou acorrentados a um remo pelo resto da vida. Isso me leva ao segundo ponto importante: todos os meus amigos que estão vindo à sua volta... – ele indicou com um gesto os órfãos do Morro das Sombras enfileirados contra a parede – podem ir embora quando quiserem, e principalmente ir aonde quiserem, porque estão sob a minha proteção. Eu sei – acrescentou, com uma expressão solene – que, sozinho, não sou um indivíduo formidável. Mas tenho amigos poderosos, meus queridos. O que ofereço é segurança, graças a eles. Se um mercador de escravos, por exemplo, ousar encostar um dedo em um dos meus meninos do Morro das Sombras, bem, as consequências seriam imediatas e gratificantes de tão, ahn, *implacáveis*.

Como nenhum dos recém-chegados se mostrou adequadamente entusiasmado, o Aliciador pigarreou.

– Eu mandaria matar os putos. Entenderam?

Eles tinham entendido.

– Isso nos conduz ao terceiro ponto que interessa, a saber, todos vocês. Esta pequena família está sempre precisando de novos irmãos e talvez vocês se considerem convidados, até incentivados a, digamos... aceitar nos proporcionar o prazer de sua companhia íntima e permanente. Façam deste morro a sua casa, de mim o seu mestre, e destes preciosos meninos e meninas seus irmãos de confiança. Serão alimentados, abrigados e protegidos. Ou podem ir embora agora mesmo e acabar virando alvo de um puteiro de Jerem. Algum candidato?

Nenhum dos novatos se pronunciou.

– Eu sabia que podia contar com vocês, minhas queridas joias do Pegafogo. – O Aliciador abriu os braços e sorriu, revelando uma meia-lua de dentes marrons feito água de pântano. – Mas é claro que deve haver responsabilidades. Um toma lá dá cá, uma troca justa. A comida não brota do meu cu. Penicos não se esvaziam sozinhos. Entendem o que estou dizendo?

Cerca de metade dos órfãos do Pegafogo fez um aceno hesitante de cabeça, assentindo.

– As regras são simples! Vocês vão aprender todas elas no devido tempo. Por enquanto, é o seguinte: quem comer, trabalha; quem trabalhar, come. O que nos conduz ao quarto... Ah, puxa vida. Crianças, crianças, façam a um velho desatento o favor de imaginar que ele ergueu quatro dedos. Bem, nós temos as nossas tarefas aqui no morro, mas também em outros lugares. Outros trabalhos... delicados, incomuns. Divertidos e interessantes. Por toda a cidade, durante o dia ou à noite. Eles vão exigir

coragem, destreza e, ahn, discrição. Nós gostaríamos *muito* de contar com a ajuda de vocês nessas... tarefas especiais.

Ele apontou para o único menino pelo qual não havia pagado, o pequeno que se juntara aos outros e agora o fitava com um olhar duro e emburrado, a boca ainda lambuzada de polpa de tomate.

– Você aí, menino extra, trigésimo primeiro de trinta. O que me diz? É do tipo que sabe se mostrar útil? Está disposto a ajudar seus novos irmãos em seu interessante trabalho?

O menino pensou por alguns segundos.

– O senhor está dizendo que quer que nós roubemos coisas – respondeu, com uma vozinha aguda.

O velho passou um longo tempo encarando o garoto enquanto alguns órfãos do Morro das Sombras cobriam a boca, disfarçando risos.

– Sim – concordou o Aliciador, aquiescendo lentamente. – Talvez seja isso mesmo que eu tenha querido dizer, embora você tenha uma visão muito *dura* de certa demonstração de iniciativa pessoal que preferimos definir em termos mais rebuscados e vagos. Não que eu espere que essa definição signifique alguma coisa para você. Como se chama, menino?

– Lamora.

– Seus pais deviam ser dois sovinas para não lhe dar um nome. De que mais eles o chamavam?

O menino pareceu refletir bastante.

– Meu nome é Locke. Igual ao meu pai.

– Muito bem. Um nome que desliza fácil pela língua. Então, Locke-Igual-ao-Seu-Pai-Lamora, venha até aqui dar uma palavrinha comigo. Os outros podem ir. Seus irmãos vão lhe mostrar onde passarão a noite. E também onde despejar isto e onde colocar aquilo... As tarefas, se é que me entendem. Por enquanto, basta arrumar este recinto aqui, mas vocês terão outros serviços nos próximos dias. Prometo que tudo fará sentido quando descobrirem como eu sou chamado pelo mundo além deste nosso pequeno morro.

Locke se aproximou até se postar junto ao Aliciador sentado em seu trono de alto espaldar. O grupo de recém-chegados se levantou e ficou à espera, até que órfãos maiores e mais velhos começassem a pegá-los pelo cangote e dar instruções simples. Em pouco tempo, Locke e o mestre do Morro das Sombras ficaram a sós.

– Meu menino, estou acostumado a vencer certa reticência de meus novos filhos logo que eles chegam ao Morro das Sombras. Você sabe o que é *reticência*?

Locke fez que não com a cabeça, sua franja castanho-clara sebosa grudada acima do rosto redondo. O Aliciador passou delicadamente uma das mangas do casaco azul puído nas manchas de tomate ao redor da boca do menino, que haviam secado e ficado mais visíveis. Locke nem se mexeu.

– Reticência significa que eles aprenderam que roubar é uma coisa ruim, logo eu preciso me esforçar para superar isso até se acostumarem com a ideia, entende? Bem, você não parece sofrer desse tipo de problema, assim nós dois podemos nos dar bem. Já roubou antes, certo?

O menino assentiu.

– Mesmo antes da peste?

Nova aquiescência.

– Bem que eu achei. Meu querido, querido menino... você não, ahn, perdeu seus pais na peste, correto?

O menino olhou para os próprios pés e mal balançou a cabeça.

– Então já faz algum tempo que vem se virando sozinho. Veja bem, isso não é motivo para vergonha. Talvez eu até consiga um lugar de respeito para você aqui se puder ao menos arrumar um jeito de testá-lo...

A resposta de Locke foi levar a mão até debaixo dos farrapos que vestia e estender um objeto para o Aliciador. Duas bolsinhas de couro caíram na palma aberta do velho – vagabundas, endurecidas e manchadas, fechadas por cordões puidos.

– Onde arrumou isto?

– Com os guardas – sussurrou Locke. – Alguns guardas nos pegaram e nos carregaram.

O Aliciador recuou subitamente, como se uma víbora houvesse acabado de lhe picar a mão, e olhou para as bolsinhas com um ar incrédulo.

– Você roubou isto aqui da porra da guarda cidadina? Dos casacas-amarelas?

Locke anuiu, mais animado.

– Eles nos pegaram e nos *carregaram*.

– Que os deuses nos acudam – sussurrou o Aliciador. – Ah, meus deuses. Talvez você tenha fodido todos nós de forma grandiosa, Locke-Igual-ao-Seu-Pai Lamora.

5

– ELE VIOLOU A PAZ Secreta logo na primeira noite comigo, esse pilantrinha atrevido.

O Aliciador estava agora sentado mais confortavelmente no jardim situado no terraço do templo do Sacerdote Cego, segurando na mão uma caneca de vinho feita de couro alcatroado. Apesar de ser uma bebida de segunda mão das mais amargas, quase um vinagre, era mais um sinal da possibilidade de uma genuína negociação.

– Isso nunca tinha acontecido antes, nem tornou a acontecer.

– Alguém ensinou o menino a ter mão leve, mas esqueceu de lhe dizer que os casacas-amarelas são alvos proibidos. – Padre Correntes franziu os lábios. – Que coisa mais curiosa. Muito curiosa mesmo. Nosso caro Capa Barsavi adoraria conhecer uma pessoa assim.

– Nunca descobri quem foi. O menino afirma que aprendeu sozinho, mas isso é balela. Meninos de 5 anos brincam com peixes mortos e bosta de cavalo, Correntes. Não inventam os detalhes mais sutis da arte de apalpar e furtrar assim, por capricho.

– O que você fez com as bolsinhas?

– Voltei voando para o posto no Pegafogo e pedi tantas desculpas que quase perdi a voz. Expliquei ao capitão dos guardas em questão que um dos recém-chegados não tinha entendido como as coisas funcionavam em Camorr, que estava devolvendo as bolsas de dinheiro com juro e suplicando seu magnânimo perdão e todos os graciosos et ceteras.

– E eles aceitaram?

– O dinheiro alegra o homem, Correntes. Eu recheci as tais bolsinhas de prata até quase fazê-las estourar. Depois dei a cada homem do esquadrão dinheiro para beber pelas próximas cinco ou seis noites e todos concordamos que eles fariam alguns brindes à saúde de Capa Barsavi, que com certeza não precisava ser... incomodado com algo tão inconsequente quanto o fato de seu leal Aliciador ter feito uma cagada e deixado um pirralho de 5 anos violar a droga da Paz.

– Quer dizer que essa foi só a primeira noite da sua relação com *meu* misterioso menino-pechincha, esse bem-vindo presente do acaso.

– Fico feliz que você esteja começando a ter uma inclinação possessiva em relação ao pirralho, Correntes, porque a história só faz melhorar. Não sei muito bem como explicar. Algumas das minhas crianças gostam de roubar. Algumas são indiferentes ao roubo e outras apenas o toleram porque sabem que não têm mais nada para fazer. Mas ninguém, digo e repito, *ninguém* nunca demonstrou tamanha avidez pelo ato de roubar quanto esse menino. Se ele estivesse com o pescoço cortado e um galeno estivesse tentando costurá-lo, Lamora roubaria a agulha e o fio e morreria rindo. Ele... ele *rouba demais*.

– “Rouba demais”... – ponderou o Sacerdote Cego. – “Rouba demais”. Era a última reclamação que eu esperava ouvir de alguém que ganha a vida treinando ladrõezinhos.

– Pode rir – retrucou o Aliciador. – Ainda não contei a melhor parte.

6

MESES SE PASSARAM. DEPOIS DE Partis veio Festal, em seguida Aurim, e o vento brumoso do verão cedeu lugar às chuvas mais fortes e violentas do inverno. O Septuagésimo Sétimo Ano de Gandolo se transformou no Septuagésimo Sétimo Ano de Morgante, Pai da Cidade, Senhor do Laço e da Pá.

Oito dos 31 órfãos do Pegafogo, os menos talentosos para as delicadas e interessantes tarefas do Aliciador, já estavam dependurados na Ponte Negra. Os sobreviventes estavam preocupados demais com suas próprias atividades para darem importância.

A sociedade do Morro das Sombras, como Locke não demorou a descobrir, era rigidamente dividida em duas tribos: Ruas e Janelas. A segunda era um grupo menor, mais exclusivo, que tirava o seu ganha-pão após o pôr do sol. Seus integrantes esgueiravam-se por telhados, desciam por chaminés, arrombavam fechaduras e passavam por entre as barras de portas e janelas para roubar todo tipo de coisa, de moedas e joias a blocos de banha em despensas mal vigiadas.

Os meninos e meninas do Ruas, por sua vez, passavam seus dias perambulando por becos, ruelas de pedras e pontes sobre canais, sempre em equipes. As crianças mais velhas e mais experientes (os pegadores) ocupavam-se dos bolsos, bolsas e bancadas de comerciantes e as mais jovens e menos capazes (os provocadores) providenciavam distrações: choravam por mães inexistentes, fingiam doenças ou corriam feito loucos de um lado para outro aos gritos de “Pega ladrão!” enquanto os pegadores fugiam com seus quinhões.

Ao voltar para o cemitério após qualquer visita ao exterior, cada órfão era revisitado por uma criança mais velha ou mais robusta. Todos os objetos roubados ou recolhidos percorriam a cadeia de comando de fortões e valentões até chegar ao Aliciador, que ia riscando nomes de uma lista mental bizarramente precisa à medida que os resultados do ganho diário iam chegando. Quem trabalhava podia comer; os outros tinham que dar duas vezes mais duro depois que o sol se punha.

Todas as noites, o Aliciador desfilava pelas tocas do Morro das Sombras carregado com bolsinhas de dinheiro, lenços de seda, colares, botões de metal para casacos e diversos outros pequenos objetos dignos de serem surrupiados. Seus aprendizes o atacavam, saltando de esconderijos ou fingindo acidentes; os que ele via ou presentia eram punidos na hora. O Aliciador preferia não bater naqueles que se davam mal nessas brincadeiras de treinamento: eles eram forçados a beber de um frasco de óleo de gengibre puro enquanto os colegas reunidos em volta entoavam canções zombeteiras. O óleo de gengibre camorri é intragável, não muito diferente – como o próprio Aliciador costumava afirmar – de engolir cinzas ainda em brasa de Carvalho Venenoso.

Quem não abrisse a boca tinha o óleo despejado nas narinas enquanto era imobilizado por outras crianças. Ninguém caía duas vezes nesse erro.

Com o tempo, mesmo aqueles com a língua queimada e a garganta inchada por causa do gengibre aprendiam os rudimentos da arte de furtar na multidão e de “tomar emprestadas” as mercadorias de comerciantes descuidados. O Aliciador lhes ensinava com entusiasmo a arquitetura de gibões, coletes, sobrecasacas e bolsas presas a cintos, mantendo-se atualizado com todas as peças da moda que desembarcavam nas docas. Seus pupilos decoravam o que podia ser cortado, o que podia ser rasgado e o que precisava ser subtraído com dedos ágeis.

– A ideia, meus amores, não é se agarrar à perna da pessoa como um cão nem segurar sua mão como um bebê perdido. Meio segundo de contato efetivo com a

pessoa geralmente é tempo demais. – O Aliciador imitou uma corda passando em volta do pescoço e deixou a língua pender para fora da boca. – Vocês irão viver ou morrer segundo três regras sagradas. Primeiro: certifiquem-se sempre de que a vítima esteja distraída, seja pelos seus provocadores ou por alguma bobagem oportuna aleatória, como uma briga ou um incêndio. Incêndios são *maravilhosos* para os nossos propósitos; valorizem-nos sempre. Segundo: minimizem, e não estou exagerando ao dizer isso, o contato com a vítima mesmo quando ela estiver desatenta. – Ele se libertou da força imaginária e deu um sorriso maroto. – Por último, depois de fazerem o que precisavam fazer, vão embora mesmo que a vítima seja um jumento. O que foi que eu lhes ensinei?

– Roube e corra – entoaram seus alunos. – Tente roubar mais e será enforcado.

Novos órfãos chegavam sozinhos e em duplas; crianças mais velhas pareciam deixar o morro de tantas em tantas semanas sem muita cerimônia. Locke supunha que isso fosse indício de alguma categoria disciplinar muito superior ao óleo de gengibre, mas nunca procurou saber, e seu lugar na cadeia alimentar do morro era baixo demais para arriscar a pergunta ou confiar nas respostas que iria receber.

Em relação ao seu próprio treinamento, Locke entrou para o Ruas no dia seguinte à sua chegada, sendo imediatamente incorporado aos provocadores – por punição, desconfiava. Ao fim do segundo mês, suas habilidades já haviam lhe garantido uma promoção à categoria dos pegadores. Embora isso fosse visto como uma elevação de status social, Lamora era o único do morro que parecia preferir trabalhar com os provocadores.

Dentro do morro, mostrava-se taciturno e antissocial, mas, nas ruas, ganhava vida como um artista nato da provocação. Ele aperfeiçoou o uso de polpa de laranja mastigada para substituir vômito: enquanto outros provocadores só seguravam a barriga e gemiam, Locke incrementava sua performance cuspidando uma golfada de maçaroca aos pés de seu público-alvo e, se estivesse com uma disposição particularmente perversa, até nas bainhas de seus vestidos ou calças.

Outro de seus estratagemas preferidos era um graveto comprido e seco escondido em uma das pernas da calça curta e amarrado ao tornozelo. Ao se ajoelhar depressa, ele podia partir o graveto com um ruído audível, ao mesmo tempo que soltava um grito agudo. Era um jeito seguro de atrair atenção e simpatia, sobretudo se estivesse bem próximo à roda de uma carroça. Depois de distrair as pessoas por tempo suficiente, ele era resgatado por vários outros provocadores, que anunciavam em alto e bom som que iriam “levá-lo até sua mãe em casa” para que um galeno pudesse consultá-lo. Ele recuperava milagrosamente a capacidade de andar assim que era carregado até uma esquina.

Locke inventou tão depressa um repertório de truques elaborados que o Aliciador teve motivos para convocá-lo para uma segunda conversa reservada, depois de ele fazer com que uma moça se visse sem a saia e o corpete devido aos golpes precisos do canivete de Locke.

– Escute aqui, garoto. Desta vez não vai haver óleo de gengibre, garanto a você, mas eu preferiria *bem mais* que as suas provocações deixassem de ser divertidas e voltassem a ser práticas.

Locke só o encarou e arrastou os pés.

– Está bem, vou ser mais claro. Os outros provocadores estão indo às ruas para observar *você*, não para fazer a droga do seu trabalho. Não estou sustentando uma trupe de teatro. Faça o meu bando de alegres ladrõezinhos voltar às suas próprias provocações e pare de bancar a celebridade com as suas.

Por algum tempo, tudo correu sem problemas.

Porém, após seis meses de sua chegada ao morro, Locke por acidente tocou fogo na taberna Vinhas de Vidrantigo e provocou uma rebelião contra a peste que quase riscou os Estreitos do mapa de Camorr.

Os Estreitos eram um vale de tocas e choupanas no extremo norte da parte mal-afamada da cidade; em formato de feijão e parecido com um grande anfiteatro, o coração do lugar ficava quase 15 metros abaixo do nível de suas bordas. Fileiras inclinadas de cortiços e lojas sem janelas erguiam-se nos vários terraços desse grande e superpovoado recôncavo. Paredes desmoronavam umas contra as outras e becos prateados de névoa se entrelaçavam de modo que os Estreitos não podiam ser percorridos por mais de dois homens caminhando lado a lado.

A taberna Vinhas de Vidrantigo ficava encarapitada sobre as pedras do calçamento da rua que seguia para o oeste e ligava os Estreitos às profundezas verdes do Mara Camorrazza por uma ponte de pedra. Parecia um animal flácido, com seus três andares de madeira vergada pelo tempo e suas escadas mambembes internas e externas que aleijavam pelo menos um cliente por semana. Havia até mesmo um animado bolão para saber qual dos frequentadores habituais seria o próximo a quebrar a cabeça. O local era um antro de fumadores de cachimbo e viciados em Mira, que pingavam nos globos oculares as preciosas gotas de sua droga à vista de todos e ficavam caídos, estremecendo com alucinações, sendo roubados por desconhecidos ou usados como mesas.

O Septuagésimo Sétimo Ano de Morgante acabara de começar quando Locke irrompeu no salão da taberna, soluçando e fungando com alarde, exibindo as bochechas muito vermelhas, os lábios rachados e sangrando e os olhos injetados característicos do Sussurro Negro.

– Senhor, por favor – sussurrou para um leão de chácara horrorizado enquanto os jogadores de dados, os atendentes do bar, as putas e os ladrões paravam para olhar. – Por favor. Minha mãe e meu pai estão doentes... Eu não sei o que eles têm. Sou o único que consigo andar... O senhor tem... snif... tem que me ajudar! Senhor, por favor...

Pelo menos era isso que teria sido ouvido caso o leão de chácara não tivesse provocado uma debandada em massa dos clientes da taberna gritando a plenos pulmões

“Sussurro! Sussurro Negro!”. Nenhum menino do tamanho de Locke poderia ter sobrevivido ao subsequente caos de empurrões e pânico caso a marca da doença em seu rosto não houvesse funcionado melhor do que um escudo. Dados foram largados sobre as mesas e cartas flutuaram até o chão como folhas caídas; canecas de metal e jarros de cerveja de couro alcatroado derramaram bebidas baratas ao despencarem no chão. Mesas foram viradas, facas e porretes sacados para apressar a fuga dos outros, e viciados em Mira pisoteados à medida que a desabalada onda de pessoas emergia por todas as portas da taberna, menos por aquela diante da qual Locke implorava sem sucesso em meio aos gritos.

Depois de todos abandonarem a taberna – com exceção de alguns Mirantes que gemiam ou jaziam imóveis –, os companheiros de Locke entraram: dez dos mais rápidos provocadores e pegadores do Ruas, convidados por Lamora para aquela missão. Eles se espalharam entre as mesas caídas e atrás do balcão gasto e começaram a recolher freneticamente tudo o que tivesse algum valor: um punhado de moedas, uma faca em bom estado, um jogo de dados de osso de baleia cujos números eram pequeninas lascas de granada. Da despensa, cestas de pão duro mas ainda comestível, manteiga com sal envolta em papel impermeável, uma dúzia de garrafas de vinho. Locke só lhes deu meio minuto, contando de cabeça enquanto esfregava o rosto para tirar a maquiagem. Por fim, acenou para seus cúmplices tornarem a sair.

Os tambores de motim já rufavam para convocar os guardas e, com eles, ouviam-se também as primeiras débeis melodias das flautas, o som de gelar a espinha que convocava os capangas do Duque: a Guarda da Quarentena.

Os participantes da aventura de destruição e roubo orquestrada por Locke foram abrindo caminho pela multidão cada vez mais densa de moradores desorientados e assustados dos Estreitos e correram para casa pelo caminho mais comprido, passando pelo Mara Camorrazza ou pelo bairro Fumaça de Carvão.

Voltaram com o maior carregamento de objetos e comida que os órfãos do Morro das Sombras conseguiam recordar e uma pilha de meios-barões de cobre maior ainda do que Locke esperava. O garoto não sabia que jogadores de dados ou cartas mantinham seu dinheiro sobre a mesa, pois no Morro das Sombras esses jogos eram exclusividade dos órfãos mais velhos e prestigiosos e ele não se incluía nesse grupo.

Durante algumas horas, o Aliciador só conseguiu ficar assombrado.

Nessa noite, bêbados em pânico tocaram fogo na Vinhas de Vidrante e centenas de pessoas tentaram fugir dos Estreitos, pois a guarda cidadina não conseguiu localizar o menino que dera origem à confusão. Os tambores de motim tocaram até de madrugada, as pontes foram interditadas e arqueiros do Duque Nicovante zarparam pelos canais ao redor dos Estreitos em barcos de fundo chato com flechas mais do que suficientes para durar a noite inteira.

Na manhã seguinte, o Aliciador teve mais uma conversa reservada com o menor de seus órfãos da peste.

– O seu problema, Locke-Lamora-de-Merda, é que você não é *circumspecto*. Sabe o que significa *circumspecto*?

Locke fez que não com a cabeça.

– Vou explicar. Aquela taberna tinha um dono, que trabalhava para Capa Barsavi, nosso chefe supremo, e, assim como eu, lhe pagava para evitar *acidentes*. Graças a você, ele teve um acidente e tanto, muito embora estivesse pagando o que devia e não esperasse nenhum imprevisto. Portanto, incitar um bando de animais embriagados a tocarem fogo na taberna por causa de um alarme falso de peste é exatamente o contrário de uma operação *circumspecta*. Agora você consegue adivinhar o que a palavra significa?

Locke sabia identificar um bom momento para aquiescer com vigor.

– Ao contrário da última vez que você tentou me mandar para a cova antes da hora, desta vez eu não vou conseguir me safar pagando, e graças aos deuses não vou precisar, porque o estrago foi enorme. Os casacas-amarelas espancaram duzentas pessoas ontem à noite antes de todo mundo entender que ninguém estava com o Sussurro. O Duque já tinha chamado seus capangas de costume e estava prestes a fazer uma bela faxina com óleo de fogo nos Estreitos. O único motivo pelo qual você não está dentro da barriga de um tubarão com uma expressão de surpresa estampada na cara é porque a taberna agora não passa de um amontoado de cinzas. Ninguém sabe que algo foi roubado de lá antes de ela ser queimada. Ninguém a não ser nós. Portanto, nós vamos *todos* combinar que ninguém neste morro sabe nada sobre o que aconteceu e você vai reaprender um pouco daquela reticência que eu mencionei assim que chegou aqui. Está lembrado da reticência, não está?

Locke anuiu.

– Eu só quero coisas pequenas de você, Lamora. Serviços bem-feitos e limpos. Uma bolsa aqui, uma linguiça ali. Quero que você engula sua ambição, que a cague como se fosse uma comida ruim e seja um provocadorzinho *circumspecto* pelos próximos milhões de anos. Consegue fazer isso por mim? Não roube mais nenhum casaca-amarela, não toque fogo em mais nenhuma taberna nem comece mais nenhuma porra de motim. Só finja que é um ladrãozinho meio burro igual aos seus irmãos. Entendeu?

Locke aquiesceu de novo, dando o melhor de si para parecer contrito.

– Ótimo. E agora vamos dar uma, ahn, *reforçada* nas minhas admoestações – disse o Aliciador, sacando o frasco de óleo de gengibre quase cheio.

E durante algum tempo após Locke recuperar a fala e conseguir respirar sem esforço, tudo correu com serenidade.

Mas o Septuagésimo Sétimo Ano de Morgante se transformou no Septuagésimo Sétimo Ano de Sendovani e, embora Locke tenha conseguido esconder seus atos do Aliciador por algum tempo, fracassou espetacularmente na tentativa de ser *circumspecto* em mais uma notável ocasião.

Quando o Aliciador percebeu o que o menino tinha feito, foi procurar o Capa de Camorr e obteve permissão para uma pequena morte. Só depois lhe ocorreu visitar

o Sacerdote Cego, movido não pela misericórdia, mas pela última chance de um magro lucro.

7

O VERMELHO SE ESVAÍA DO céu e nada mais restava do dia a não ser uma linha de ouro derretido que baixava a oeste no horizonte. Locke Lamora seguia a comprida sombra do Faz-Ladrão, que o conduzia ao Templo de Perelandro para ser vendido. Enfim o garoto havia descoberto para onde iam as crianças mais velhas que desapareciam.

Um imenso arco de vidro começava no sopé noroeste do Morro das Sombras e terminava na extremidade oriental do extenso e vasto Bairro dos Templos. No vão central dessa ponte, o Aliciador parou e olhou para o norte, para além das casas sem luz do Tranquilo, para além das águas envoltas em névoa do veloz Angevino, e fitou as chácaras sombreadas e os bulevares de pedra margeados de árvores das ilhas de Alcegrante, cuja opulência se espalhava aos pés das altíssimas Cinco Torres.

As Cinco eram as mais altas estruturas de Vidrantigo de uma cidade na qual esse misterioso material era onipresente; a menor e menos impressionante, Caçaurora, tinha apenas 25 metros de largura e 122 de altura. A verdadeira cor de cada uma das lisas torres se misturava agora com a luz alaranjada do poente, e a teia de cabos e estruturas de carga que interligava os topos das torres mal aparecia contra o céu carmim.

– Vamos esperar aqui um instante, garoto – ordenou o Aliciador com uma melancolia na voz que não era do seu feitio. – Aqui, na minha ponte. Tão poucas pessoas chegam ao Morro das Sombras por aqui que é como se ela de fato me pertencesse.

O Vento do Duque que havia soprado do Mar de Ferro durante o dia agora mudara de direção. A noite, como sempre, seria dominada pelo Vento do Carrasco que soprava da terra para o mar e trazia um forte cheiro de campos cultivados e pântanos em decomposição.

– Eu vou me livrar de você, sabia? – O Aliciador levou algum tempo antes de tornar a falar. – Não estou brincando. É adeus para sempre. É uma pena que falte alguma coisa em você... bom senso, talvez.

Locke permaneceu em silêncio, fitando as imensas torres de vidro enquanto o céu atrás deles ia perdendo a cor. As estrelas azul-esbranquiçadas ficaram mais brilhantes e os últimos raios do sol poente desapareceram como um grande olho que se fecha.

Na hora em que os primeiros sinais da verdadeira escuridão pareceram cair sobre a cidade, uma nova luz débil e bruxuleante surgiu para combatê-la, emanando do Vidrantigo das Cinco Torres e do vidro translúcido da ponte em que eles estavam. A cada segundo, a claridade aumentava e foi se intensificando até banhar a cidade com a meia-luz moribunda de um dia nublado.

A hora da Falsaluz havia chegado.

Do alto das Cinco Torres até a superfície lisa de obsidiana dos imensos quebra-mares de vidro e os recifes artificiais sob as ondas cor de ardósia, a Falsaluz emanava de cada superfície e de cada pedacinho de Vidrantigo em Camorr, de cada partícula do desconhecido material deixado tanto tempo antes pelas criaturas que tinham fundado a cidade. Todas as noites, quando o poente enfim engolia o sol, as pontes de vidro se transformavam em fios fluorescentes de luz cintilante. Tudo o que era de vidro, torres, avenidas e esculturas de estranhos jardins, reluzia debil em tons de roxo, azul, laranja e branco perolado, e as luas e estrelas se desvaneciam em cinza.

Assim era o crepúsculo de Camorr: o fim da labuta para os últimos trabalhadores diurnos, o chamado das sentinelas noturnas, o fechamento dos portões que conduziam à terra firme; uma hora de claridade sobrenatural que logo daria lugar à verdadeira noite.

– Vamos cuidar dos nossos assuntos – falou o Aliciador, e os dois desceram da ponte rumo ao Bairro dos Templos, caminhando sob uma estranha luz suave.

8

A FALSALUZ ERA TRADICIONALMENTE A última hora de funcionamento dos templos de Camorr e o Sacerdote Cego da Casa de Perelandro não queria perder nenhum segundo do tempo que ainda restava para encher de cobre a cuia de esmolas à sua frente nos degraus de seu templo decrepito.

– Órfãos! – bradou com uma voz digna de um campo de batalha. – Todos nós não viramos órfãos mais cedo ou mais tarde? Infelizes aqueles que são arrancados do seio da mãe mal saídos da infância!

Dois meninos esbeltos, provavelmente órfãos, estavam sentados de cada lado da cuia vestidos com túnicas brancas de capuz. O brilho fantasmagórico da Falsaluz parecia incendiar seus olhos negros fixos a observar os homens e mulheres que cuidavam de seus afazeres nas praças e avenidas dos deuses.

– Infelizes aqueles que um destino cruel lança em um mundo perverso no qual eles não têm lugar, no qual não têm utilidade – prosseguiu o sacerdote. – Escravos, é isso que se tornam! Escravos ou, pior ainda, *brinquedos* à mercê da luxúria dos maus e dos infiéis que os forcem a levar arremedos de vida de inconcebível degradação, diante da qual a mera escravidão seria uma bênção!

Locke ficou maravilhado, pois nunca tinha visto um espetáculo nem ouvido um orador treinado. O desprezo na voz daquele homem era capaz de fazer borbulhar uma poça de água; essa veemência fez sua pulsação se acelerar com uma culpa ferrosa, ainda que ele próprio fosse órfão. Queria ouvir aquele padre berrar mais um pouco.

A fama de Padre Correntes, o Sacerdote Cego, era tal que mesmo Locke Lamora tinha ouvido falar nele: um homem já no fim da meia-idade, com o peito largo feito a mesa de um escrivão e uma barba que pendia do rosto vincado feito palha de aço. Uma grossa venda branca lhe cobria a testa e os olhos, uma túnica de algodão branco descia até os tornozelos e algemas de ferro negro lhe rodeavam os pulsos. Pesadas correntes de aço saíam delas, subiam os degraus do templo e desapareciam lá dentro pelas portas abertas. Quando o padre gesticulava para seus espectadores, Locke podia ver as correntes quase tesas. Ele estava chegando perto do limite de sua liberdade.

Durante treze anos, conforme rezava a lenda, Padre Correntes nunca havia se afastado dos degraus do templo. Como prova de devoção a Perelandro, Pai das Misericórdias, Senhor dos Enjeitados, ele se acorrentara às paredes do santuário com algemas de ferro sem fechadura e sem chave e pagara um galeno para lhe arrancar os olhos enquanto uma multidão assistia.

– O Senhor dos Enjeitados olha por cada filho dos mortos, isso eu lhes garanto! Abençoados a seus olhos aqueles que, sem a obrigação imposta pelos laços de sangue, levam auxílio e reconforto aos que não têm pai nem mãe...

Embora soubesse que, além de usar uma venda, o sacerdote também era cego, Locke poderia ter jurado que a cabeça de Padre Correntes havia se virado na sua direção quando ele e o Aliciador se aproximaram cruzando a praça.

– ... graças à bondade inegável de seus corações, eles alimentam e protegem os filhos de Camorr, não com a avareza das almas frias, mas com uma gentileza sem egoísmo! Abençoados realmente são os protetores dos bondosos e *necessitados* órfãos de Camorr – sibilou ele com fervor.

O Aliciador chegou aos degraus do templo e começou a subi-los, tomando cuidado para bater com os calcanhares nas pedras da escada a fim de anunciar sua presença.

– Alguém vem vindo – disse o sacerdote. – Dois alguéns, pelo menos é o que dizem meus ouvidos!

– Eu trouxe o menino sobre quem conversamos, padre – anunciou o Aliciador, alto o bastante para vários passantes ouvirem, caso estivessem prestando atenção. – Preparei-o da melhor forma que pude para os... ahn... para os testes do aprendizado e da iniciação.

O sacerdote cambaleou pelos degraus em direção a Locke, arrastando atrás de si as correntes que chacoalharam. Os meninos de capuz que vigiavam a cuia relancearam os olhos para ele, mas não falaram nada.

– Trouxe mesmo? – Padre Correntes esticou a mão com um gesto estranhamente certo e seus dedos calosos passaram pela testa, bochecha, nariz e queixo de Locke. – Um menino pequeno, ao que parece, bem pequeno. Embora não de todo desprovido de caráter, ousou afirmar pelas curvas desnutridas de seu triste rosto de órfão.

– O nome dele é Locke Lamora. E aposto que a Ordem de Perelandro poderá encontrar muita serventia para o seu grau... incomum de iniciativa pessoal.

– Melhor ainda será se ele for sincero, penitente, honesto e afeito à disciplina – resmungou o sacerdote. – Mas não tenho dúvidas de que esse tempo sob os seus afetuosos cuidados lhe instilaram essas qualidades pelo simples exemplo. – Ele bateu palmas três vezes. – Meninos, nosso trabalho por hoje acabou. Recolham as oferendas da bondosa gente de Camorr e vamos levar nosso potencial iniciado até o templo.

O Aliciador deu um rápido apertão no ombro de Locke, em seguida o empurrou com bastante entusiasmo escada acima em direção ao Sacerdote Cego. Enquanto os meninos de túnica branca passavam por ele carregando a chacoalhante cuia de cobre, o Aliciador jogou dentro dela uma bolsinha de couro, abriu bem os braços e fez uma reverência com a teatralidade fingida que lhe era habitual. A última imagem que Locke teve dele foi atravessando apressado o Bairro dos Templos com os braços tortos e os ombros ossudos a se sacudir alegremente: era o andar de um homem liberto.

9

O SANTUÁRIO DO TEMPLO DE Perelandro era um úmido recinto de pedra com várias poças de água parada; as tapeçarias carcomidas de bolor nas paredes já estavam quase reduzidas aos meros fios que as compunham. O lugar era iluminado apenas pela pálida claridade da Falsaluz e pelo débil esforço de um globo alquímico branco fosco precariamente instalado em um suporte logo acima da placa de aço que acorrentava o Sacerdote Cego à parede do presbitério. Locke viu na parede dos fundos uma porta fechada por uma cortina, e nada mais.

– Calo, Galdo, sejam bons meninos e cuidem das portas, sim? – pediu Padre Correntes.

Os dois meninos de túnica pousaram no chão a cuia de cobre e foram até uma das tapeçarias. Com gestos sincronizados, afastaram-na e acionaram um mecanismo oculto. Alguma imensa engrenagem rangeu dentro das paredes do santuário e a porta dupla que conduzia aos degraus do templo começou a se fechar para dentro. Quando as duas folhas terminaram de se juntar com um ruído de pedra roçando em pedra, a luz do globo alquímico de repente ficou mais intensa.

– Agora venha cá, Locke Lamora – disse o Sacerdote Cego, ajoelhando-se e fazendo um bom pedaço de corrente se amontoar em pequenas montanhas de aço à sua volta. – Vamos ver se você tem algum dos dons necessários para se tornar um iniciado deste templo.

Com o padre ajoelhado, Locke e ele ficavam praticamente cara a cara. Em resposta às mãos de Correntes que o chamavam, o menino chegou mais perto e aguardou. O sacerdote franziu o nariz.

– Estou vendo que seu antigo mestre continua bem pouco cuidadoso no que diz respeito ao mau cheiro de suas crianças. Mas isso pouco importa e logo será remediado.

Por enquanto, apenas me dê suas mãos, assim. – Com um toque firme, porém delicado, Correntes guiou as mãozinhas de Locke até as palmas se pousarem sobre a venda de seus olhos. – Agora... apenas feche os olhos e concentre-se... concentre-se. Deixe todos os pensamentos virtuosos que carrega dentro de si borbulharem até a superfície... Deixe o calor de seu generoso espírito fluir por suas mãos inocentes... Ah, isso, assim...

Locke estava em parte alarmado, em parte achando graça, mas as rugas do rosto castigado pelo tempo de Padre Correntes se curvaram para baixo e sua boca logo se abriu com um assombro extasiado.

– Aaaahhh – sussurrou o sacerdote com uma voz embargada de emoção. – Sim, sim, você tem mesmo algum talento... algum poder... Estou sentindo... Talvez seja quase... um *milagre!*

Ao dizer isso, o padre jogou a cabeça para trás e Locke pulou na direção contrária. Fazendo chacoalhar as correntes, o homem levou as mãos algemadas até a venda e a arrancou com um floreio. Locke se encolheu, sem saber qual seria o aspecto de órbitas vazias, mas os olhos do sacerdote eram bastante normais. Correntes apertou os olhos agredidos pela claridade e os esfregou várias vezes, fazendo uma careta.

– Aaahhh! – exclamou, estendendo as mãos em direção a Locke. – Estou curado! Estou curado! POSSO VER OUTRA VEZ!

Locke o encarou, escancarando a boca feito um retardado pela segunda vez nessa noite, sem saber muito bem o que dizer. Atrás dele, os dois meninos de capuz começaram a rir e Locke franziu a testa, desconfiado.

– O senhor... não é cego de verdade.

– E você obviamente não é burro! – gritou Correntes, levantando-se com um pulo que fez seus joelhos estalarem. Acenou com as mãos algemadas como um pássaro tentando levantar voo. – Calo! Galdo! Tirem estas drogas dos meus pulsos para podermos contar nossas bênçãos de hoje!

Os dois meninos encapuzados foram até ele depressa e fizeram com as algemas algo que Locke não conseguiu acompanhar muito bem; elas se abriram e caíram no chão com um tilintar pesado. Correntes esfregou delicadamente a pele dos pulsos, que estava branca como a carne de um peixe fresco.

– O senhor... não é um sacerdote de verdade! – acrescentou Locke enquanto o homem esfregava os antebraços para lhes devolver um pouco de cor.

– Ah, não – disse Correntes. – Eu sou sacerdote. Só que não, hum, de Perelandro. Nem os meus iniciados são iniciados de Perelandro. E você tampouco será um. Locke Lamora, diga olá para Calo e Galdo Sanza.

Os meninos tiraram os capuzes e Locke viu que eram gêmeos, um ou dois anos mais velhos do que ele e com um aspecto bem mais robusto. Tinham a pele morena e os cabelos negros dos verdadeiros camorris; já os narizes idênticos, compridos e aduncos, eram uma espécie de anomalia. Sorridentes, eles deram as mãos e fizeram uma reverência ao mesmo tempo.

– Hum... Olá – cumprimentou Locke. – Quem é... quem é quem?
– Hoje eu sou Galdo – respondeu o que estava à esquerda de Locke.
– E amanhã eu provavelmente serei Galdo – emendou o outro.
– Ou talvez nós dois queiramos ser Calo – acrescentou o que falara primeiro.
– Com o tempo você vai aprender a distingui-los pelo número de marcas que meus chutes deixaram em seus traseiros – interrompeu Padre Correntes. – Não sei bem como, mas um sempre consegue se manter na frente do outro. – Ele foi se postar atrás de Locke e pousou em seus ombros as duas mãos grandes e pesadas. – Idiotas, este aqui é Locke Lamora. Como podem ver, acabei de comprá-lo de seu antigo benfeitor, o mestre do Morro das Sombras.

– Nós lembramos de você – comentou o suposto Galdo.

– Um órfão do Pegafogo – completou o suposto Calo.

– Padre Correntes nos comprou logo depois de você chegar – falaram os dois em uníssono, sorrindo.

– Parem de falar bobagem – ralhou Padre Correntes com uma voz que tinha um quê de régia. – Vocês dois acabaram de se candidatar a preparar o jantar. Peras e linguiça frita, porção dupla para o seu novo irmãozinho. Vão. Locke e eu cuidamos da cuia.

Com risadinhas zombeteiras e gestos grosseiros, os gêmeos saíram correndo em direção à porta fechada pela cortina e desapareceram atrás dela. Locke pôde ouvir seus passos se afastarem e descerem uma escada e o sacerdote então acenou para ele ir se sentar junto à cuia de dinheiro.

– Sente-se, menino. Vamos conversar um pouco sobre o que acontece aqui. – Correntes tornou a se sentar no chão úmido, cruzou as pernas e pousou sobre Locke uns olhos pensativos. – Seu antigo mestre disse que você sabia fazer contas simples. Sabe mesmo?

– Sei, sim, mestre.

– Não me chame de “mestre”. Ouvir isso faz meu saco murchar e meus dentes racharem. Me chame de Padre Correntes e pronto. Aproveitando que está sentado aí, esvazie essa cuia e conte o dinheiro que tem dentro.

Locke tentou puxar a cuia para um lado, fez força e viu por que Calo e Galdo preferiam dividir o peso. Correntes deu um empurrão na base do recipiente e o conteúdo enfim se esparramou pelo chão ao lado de Locke.

– Sendo pesada assim, fica bem mais difícil de roubar – explicou Correntes.

– Como... como o senhor pode fingir ser sacerdote? – perguntou Locke enquanto separava as moedas de cobre e os pedacinhos cortados de cobre em pequenas pilhas.

– Não tem medo dos deuses? Da ira de Perelandro?

– É claro que sim – respondeu Correntes, correndo os dedos pela barba arredondada e desgrenhada. – Tenho muito medo deles. Como eu disse, sou sacerdote, só não sou um sacerdote de Perelandro. Sou um servidor iniciado do Treze Sem Nome, o Vigia-Ladrões, o Guardião Torto, o Benfeitor, Pai dos Pretextos Necessários.

– Mas... só existem os Doze.

– Engraçado quantas pessoas estão tristemente mal-informadas a esse respeito, meu querido menino. Imagine, se quiser, que os Doze *por acaso* tenham um irmão caçula que é uma espécie de ovelha negra e cujo domínio exclusivo *por acaso* sejam os ladrões como você e eu. Embora os Doze não permitam que o Nome dele seja pronunciado ou ouvido, nutrem certo afeto residual por sua alegre modalidade de pilantragem. Isso serve para impedir velhos patifes fingidos como eu de serem atingidos por raios ou estraçalhados pelos corvos por ocuparem o templo de um deus mais respeitável como Perelandro.

– O senhor é um sacerdote desse tal de... Treze?

– Isso. Um sacerdote dos ladrões e um sacerdote-ladrão. Como Calo e Galdo serão algum dia e como você também será, contanto que faça jus até mesmo à pechincha que desembolsei para comprá-lo.

– Mas... – Locke estendeu a mão, separou da pilha de cobre a bolsinha de couro vermelho-ferrugem do Aliciador e a entregou a Correntes. – Se o senhor pagou por mim, por que meu antigo mestre deixou esta oferenda?

– Ah. Fique descansado, eu paguei por você, *sim*, você custou bem barato e isto aqui não é uma oferenda. – Correntes desamarrou a bolsinha e despejou o conteúdo na própria mão: era um dente branco de tubarão, um só, comprido como o polegar de Locke. O velho gesticulou para o menino com o objeto. – Já viu algo assim antes?

– Não... O que é?

– Uma marca da morte. O dente do tubarão-lobo é a marca pessoal de Capa Bar-savi, chefe do seu antigo mestre. Meu chefe e seu também, aliás. Isto aqui significa que você é um menino tão teimoso, tão burro, e que fez uma cagada tão feia que o seu antigo mestre chegou ao ponto de pedir ao Capa permissão para matá-lo.

Correntes sorriu como se estivesse apenas contando uma piada divertida. Locke estremeceu.

– Isso o faz refletir, meu menino? Que bom. Olhe para este objeto, Locke, com atenção. Ele significa que a sua morte já está paga. Eu comprei isto do seu antigo mestre quando comprei você a preço de banana. Se o Duque Nicovante o adotasse amanhã e fizesse de você o seu herdeiro, mesmo assim eu poderia partir sua cabeça e pregar você em uma estaca e ninguém desta cidade levantaria um dedo sequer.

Com destreza, Correntes tornou a guardar o dente na bolsinha de couro vermelha e a pendurou no pescoço de Locke pelo cordão.

– Vai usar isso no pescoço até eu o julgar digno de tirar ou eu fazer uso do poder que o dente me confere e... tchá! – O velho cortou o ar com dois dedos em frente à garganta de Locke. – Esconda-o debaixo das roupas e carregue-o sempre encostado na pele, em todos os momentos, para se lembrar de como esteve perto, *muito* perto, de ter a garganta cortada hoje. Se o seu antigo mestre fosse um tiquinho menos ganancioso do que é vingativo, não duvido que você estivesse boiando na baía.

– Mas o que foi que eu fiz?

A forma como Correntes encarou Locke o fez se sentir menor pelo simples fato de ter tentado protestar. O menino se remexeu e levou os dedos à bolsinha que continha o sinal da morte.

– Menino, por favor. Não vamos começar com nenhum dos dois ofendendo a inteligência do outro. Só existem três tipos de pessoa na vida que não podemos enganar: os penhoristas, as putas e a nossa própria mãe. Como a sua mãe já morreu, eu assumi o lugar dela. Sendo assim, nem adianta tentar me enganar. – A voz de Correntes se fez séria. – Você sabe perfeitamente por que seu antigo mestre teria motivos para estar descontente com você.

– Ele me disse que eu não era... circunspecto.

– Circunspecto – repetiu Correntes. – Boa definição. E não, você não é circunspecto. Ele me contou tudo.

Locke ergueu os olhos arregalados e quase marejados.

– Tudo?

– Sim. Tudo mesmo. – Correntes passou um longo tempo encarando o menino, em seguida suspirou. – Quanto os honrados cidadãos de Camorr doaram à causa de Perelandro hoje?

– Vinte e sete barões de cobre, acho.

– Humm. Pouco mais de 4 sólons de prata. Um dia de pouco movimento. Mas é melhor do que qualquer outro tipo de roubo que eu conheça.

– O senhor rouba este dinheiro de Perelandro também?

– É claro que roubo, menino. Já falei que era ladrão, certo? Mas não do tipo com o qual você está acostumado. Um ladrão melhor. A cidade de Camorr está repleta de idiotas correndo por aí e sendo enforcados, tudo porque acham que roubar é algo que se faz *com as mãos*. – O padre cuspiu no chão.

– Ahn... com o que o senhor rouba, Padre Correntes?

O sacerdote barbado bateu com dois dedos na lateral da cabeça, abriu um largo sorriso e fez o mesmo nos dentes.

– Cérebro e boca grande, meu menino, cérebro e boca grande. Eu me estabeleci aqui treze anos atrás e, desde então, os bobalhões carolas de Camorr vêm me dando moedas. Além disso, sou conhecido de Emberlane a Tal Verrar, porém o que mais me atrai são mesmo as moedas.

– E não é desconfortável? – perguntou Locke, olhando em volta para as entranhas tristes do templo. – Viver aqui e não sair nunca?

– Esta coxia sem graça não representa a totalidade do meu reino, do mesmo jeito que a sua antiga casa não era realmente um cemitério. – Correntes deu uma risadinha. – Nós aqui somos ladrões de outro tipo, Lamora. A farsa e o engodo são as nossas ferramentas. Não acreditamos em trabalho árduo quando uma cara falsa e uma bobagem bem-bolada podem ser tão mais eficazes.

– Então... então vocês são como... os provocadores.

– Pode ser, da mesma forma que um barril de óleo de fogo é igual a uma pitada de pimenta vermelha. E foi por isso que eu paguei por você, meu menino, embora os deuses tenham lhe dado tanto bom senso quanto deram a uma cenoura. Você sabe mentir como ninguém. Tem o caráter mais torto do que a espinha de um contorcionista. Se eu decidisse que é digno da minha confiança, poderia aproveitá-lo.

Seus olhos observadores pousaram mais uma vez em Locke e o menino supôs que devesse dizer algo.

– Eu gostaria que isso acontecesse – sussurrou. – O que devo fazer?

– Pode começar falando. Quero que me conte o que você fez lá no Morro das Sombras, o golpe que deu para deixar seu antigo mestre tão zangado.

– Mas... mas o senhor disse que já sabia de tudo.

– E sei. Mas quero ouvir da sua boca, em alto e bom som, e quero que tudo saia direito logo da primeira vez, sem você ter que voltar atrás e sem deixar de lado nenhuma parte. Se tentar me esconder alguma coisa que eu sei que deveria dizer, não terei outra escolha a não ser considerá-lo um desperdício inútil da minha confiança... e você já está com a corda no pescoço.

– Por onde começo? – indagou Locke com a voz levemente entrecortada.

– Podemos começar com suas transgressões mais recentes. Existe uma lei que os irmãos do Morro das Sombras nunca devem violar, mas o seu antigo mestre me disse que você a burlou duas vezes e achou que fosse esperto o suficiente para conseguir se safar.

O rosto de Locke ficou bem avermelhado e ele baixou os olhos para os próprios dedos.

– Conte para mim, Locke. O Aliciador falou que você organizou o assassinato de dois outros meninos do Morro das Sombras e que ele só descobriu seu envolvimento quando o segundo já estava morto. – Correntes uniu as pontas dos dedos e encarou calmamente o menino. – Quero saber por que e como você os matou e quero ouvir da sua própria boca. *Agora.*

LIVRO I
AMBIÇÃO

*Ora, eu sei sorrir e matar sorrindo
E saudar “Viva” ao que me aflige o coração,
E molhar minhas faces com lágrimas fêingidas,
E adaptar meu rosto a cada situação.*

SHAKESPEARE, *Henrique VI*, Parte 3

CAPÍTULO UM

O golpe contra Dom Salvara

1

A REGRA DE LOCKE LAMORA era a seguinte: uma boa trapaça exigia três meses de preparação, três semanas de ensaio e três segundos para ganhar ou perder para sempre a confiança da vítima. Dessa vez, ele pretendia passar esses três segundos sendo enganado.

Ele estava de joelhos e Calo, em pé atrás dele, tinha enrolado três vezes uma corda de cânhamo em seu pescoço. A briga tinha um aspecto impressionante e deixaria a garganta de Locke com um tom de vermelho bem verossímil. Lamora sabia que nenhum assassino camorri que se prezava usaria qualquer outra coisa para fazer um garrote que não seda ou arame, para melhor seccionar a traqueia da vítima. Mas, se Dom Lorenzo Salvara conseguisse diferenciar um estrangulamento de mentira de um real em um piscar de olhos e a trinta passos de distância, eles tinham feito uma péssima avaliação do homem que planejavam roubar e a operação toda estaria arruinada de qualquer forma.

– Já está conseguindo vê-lo? Ou o sinal de Pulga? – Locke sibilou as perguntas o mais baixo que conseguiu, seguidas por alguns portentosos ruídos de gargarejo.

– Nada de sinal. Nada de Dom Salvara. Está conseguindo respirar?

– Estou, está tudo bem, mas me sacuda um pouco mais, me sacuda de verdade. É essa a parte que convence.

Os dois estavam no beco sem saída ao lado do velho Templo das Águas da Fortuna. Podia-se ouvir as cascatas de oração jorrarem em algum lugar atrás do alto muro de argamassa. Locke segurou outra vez a corda inofensiva em volta do pescoço e lançou um olhar para o cavalo que o encarava a poucos passos, vergado por uma carga de aspecto luxuoso composta por embrulhos de comerciante. O pobre e estúpido animal tinha sido neutralizado: não havia curiosidade nem medo por trás das esferas brancas leitosas de seus olhos que não piscavam. Ele não teria ligado a mínima nem se o estrangulamento fosse real.

Preciosos segundos se passaram; o sol forte pairava alto em um céu sem nuvens e a sujeira do beco aderida feito cimento úmido às pernas da calça de Locke. Ali perto, Jean Tannen estava caído no mesmo chão sujo enquanto Galdo fingia chutá-lo nas costelas. Já estava fazendo isso com alegria havia quase um minuto, pelo mesmo tempo em que seu irmão gêmeo vinha estrangulando Locke.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br